

Escrita - relato de um projeto plástico em andamento

Writing - a report of an ongoing plastic project

Maria Aparecida Ramaldes¹

Resumo: Este relato pretende apresentar o Projeto Escrita, elaborado a partir de experiências pessoais: em atelier de restauração de livros e com a poesia falada e escrita. A partir dessas vivências a *Escrita* passou a ser objeto de experimentação plástica. Que levou à pesquisa teórica informal sobre a relação arte/escrita e sobre o livro de artista. Posteriormente, passou a ser objeto de pesquisa acadêmica para o Mestrado em Artes. O projeto trata de experimentações com os ‘modos de fazer’ próprios da encadernação e restauração de livros, usando um poema como tema, no intuito de construir objetos artísticos. Algumas destas técnicas trouxeram a reflexão sobre o conceito de desconstrução da linguagem. Ideia reforçada pelo conteúdo do poema selecionado como ‘matéria textual’ da pesquisa.

Palavras-chave: Escrita, poesia, livro de artista, desconstrução, processo criativo

Abstract: This report aims at presenting the Project “Escrita”/“Writing”, elaborated from personal experience both in a book restoration workshop and with written and spoken poetry. From these experiences, “Escrita”/“Writing” became an object of plastic arts experimentation, which led to an informal theoretical research about the relationship between art / writing and the artist's book. Later, it became the topic of academic research for the Master’s Degree in Arts. The project deals with experimenting the ways of doing bookbinding and book restoration, using a poem as a theme, in order to create artistic objects. Some of these techniques have brought about reflection on the concept of deconstruction of language, an idea reinforced by the content of the poem selected as 'textual matter' of the research.

Key words: writing, poetry, artist’s book, deconstruction, creative process

¹Mestranda em Artes pela Universidade Federal do Espírito Santo, na linha de pesquisa Nexos entre Arte Espaço e Pensamento. Bolsista FAPES. Membro do LEENA/UFES. E-mail: rcida@hotmail.com

Eu, uma cena e um poema. Meu relato trata de dois acontecimentos que me afetaram. Um pela visualidade e o outro pela sonoridade. A partir do primeiro - a cena - decidi desenvolver uma pesquisa plástica com a escrita. O segundo, a poesia, se agregou à pesquisa logo em seguida.

A cena aconteceu em um atelier de restauração de livros no interior do Espírito Santo, há aproximadamente dez anos atrás. Minha cunhada² é restauradora e seu atelier fica no quintal de sua casa. Estava hospedada na casa dela e fui para o atelier. Foi quando me deparei com a cena: ela estava sentada trabalhando. Uma folha de papel arroz bem fino forrava sua bancada de trabalho. Tinha uma lupa grande na sua frente e, com uma pinça, pinçava pequenas “coisinhas” de dentro de uma caixinha. Fiquei curiosa e me aproximei para ver o que era. Eram pequenos fragmentos de um papel todo craquelado, quebrado. Estava remontando um texto destruído pelo tempo, como um quebra-cabeça. Diante da minha surpresa e curiosidade, minha cunhada foi me apresentando o atelier, seus instrumentos, técnicas e trabalhos. A técnica de restauro de textos; as gavetas com os tipos e as sobras de fitas de gravação dourada foram partes que mais me despertaram interesse. Naquele momento disse que um dia iria utilizar aquelas técnicas em um trabalho plástico. Anos depois, quando pude formalizar e escrever o projeto, percebi que teria que procurar um bom texto. Alguma escrita que se adequasse bem à minha proposta de trabalho. Este texto já existia, já o conhecia, apenas ainda não sabia. Quando lembrei, percebi que era perfeito – um poema.

Lembrei de quando ouvi este poema pela primeira vez. Foi em uma oficina de poesia que participei no Parque do Moxuara, em Cariacica/ES. Eram três poetas que ministravam a oficina: Fábria Sales, Renato Fraga e Douglas Salomão. Eles faziam parte de um grupo maior que estudavam e falavam poesia pela Grande Vitória/ES (entre o final dos anos 1990 e início dos 2000). Cada um se apresentou, contou sobre suas experiências com a poesia e falou um poema autora. Quando chegou a vez do Douglas, ele explicou o seu processo criativo e depois tirou do bolso uma folha de papel dobrado. Disse que era um poema novo que ainda não tinha apresentado publicamente. E leu, pela primeira vez, o seu poema para a turma. Essa escuta me afetou e ficou em minha memória. Quando estava à procura de um texto para incluir no meu projeto plástico – que chamo de Projeto Escrita – Douglas Salomão já havia publicado e

² Rose Araújo Ramaldes – Restauradora de livros, Baixo Guandu – Vitória-ES (27) 3732 1434

eu tinha um exemplar do seu livro, *Zero* (2006, p. 47), com o poema que transcrevo mais a frente.

Escrever o projeto e iniciar a pesquisa plástica me instigou a pesquisar, informalmente, a relação arte/escrita. E a distância do atelier onde tenho liberdade dificultou o avanço da produção. Assim, fui me aproximando mais da pesquisa teórica. Quanto mais desenvolvia meus estudos, mais se tornava forte a vontade de estudar. Lia sobre a história da escrita, do livro, pesquisava na internet sobre artistas plásticos que trabalhavam com a escrita. Esta pesquisa foi me trazendo conceitos e modos de produzir arte que, até então, não conhecia. O conceito de desconstrução da linguagem, de Derrida e o *light graffiti*, são exemplos. Já tinha um objeto de pesquisa: a relação arte/escrita. Este fato foi importante para a decisão de partir para a pesquisa acadêmica. Como todo estudo evolui, minha pesquisa para dissertação parte da relação arte/escrita com recorte nos livros-objetos de Hilal Sami Hilal (1956-).

Este artista que vive e trabalha em Vitória/ES, foi meu professor no primeiro período do curso de Artes Plásticas/UFES. Conhecia seu trabalho com as rendas em papel artesanal, suas escrituras em chapas de cobre e seus livros. Tive oportunidade de ser espectadora na exposição *Seu Sami*, em 2008, no Museu Vale. As instalações *Biblioteca* e *Sherazade* foram as que mais me afetaram – de novo os livros e a escrita. Hilal, um mestre.

Unir pesquisa acadêmica e pesquisa plástica é difícil, mas possível. Este relato é uma possibilidade. Um novo caminho para o trabalho plástico.

A partir de agora apresento o poema e fotografias que mostram algumas etapas de um dos trabalhos que proponho no Projeto Escrita. Nele utilizo a tipografia, a técnica de gravação manual com fita dourada, tecido e bordado como acabamento das páginas. A fragmentação do texto é a proposta que partiu tanto da cena com os fragmentos de papel envelhecido, como do próprio conteúdo do poema. Todas as imagens são autorais e/ou amadoras. Apresentam equipamentos, materiais e processo de criação.



O atelier de restauração do ponto onde me deparei com a cena e o poema.

a escrita estoura a escrita estou
a escrita estoura a escrita excreta
a escrita estória a escrita histórica
a escrita cria a escrita estoura

a escrita estoura a escrita estoura
a escrita estou a escrita estoura
a escrita excreta a escrita é
a escrita histórica a escrita estoura
a escrita estou a escrita estoura
a escrita poca a escrita estoura

a escrita estoura a escrita estou
a escrita estoura a escrita estou
a escrita estoura a escrita estoura
a escrita excreta a escrita estoura
a escrita estala a escrita estala

tudo que arranha o silêncio
arranca fala dele
o que estala espeta algum ruído
o que o silêncio expande
espreme o que estanca
tudo que arranca, tudo que arranha
tudo que arranha o silêncio
arranca fala dele
o que estala espeta algum ruído
o que o silêncio o silêncio expande
espreme o que estanca

a escrita estoura (aqui)
a escrita estou
a escrita estala
a escrita excreta
a escrita cria



Montando as palavras – tipografia.



Preparando as palavras para gravar.



Gravando com fita dourada.



A palavra tipográfica, a palavra gravada.



O bordado como acabamento.



A materialidade desta Escrita.

Referência:

SALOMÃO, Douglas. Zero. Vitória: Secult, 2006.